

Sobre fidelidade e/ou infidelidade

04/01/2012

Maria Clara Lucchetti Bingemer
professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio

Há mais de dois anos, um jovem pai de família, de 34 anos, aguarda no cárcere o julgamento que pode decidir por sua execução e morte. Seu nome: Youcef Nadarkhani. Seu crime: desejar que seus filhos sejam formados na sua religião, o Cristianismo.

Sucedem que Youcef Nadarkhani é iraniano e vive em Rasht, que em 2009 determinou que o ensino do islamismo se tornasse obrigatório em todas as escolas.

Cristão evangélico e pastor, Nadarkhani procurou a direção da escola onde estudavam Joel e Daniel, seus filhos, a fim de solicitar que fossem liberados de assistir às aulas que ensinavam a religião islâmica. A escola negou-se a atendê-lo e Nadarkhani retirou os dois meninos do colégio. No mesmo dia, o serviço secreto iraniano o prendeu.

Desde então, o jovem pastor aguarda por julgamento no cárcere e passa diante de tribunais, em verdadeiro processo kafkiano. Foi condenado à morte e apelou da sentença para a Corte Suprema. Esta devolveu o caso para os tribunais locais, alegando pouco tempo para a defesa do réu. Enquanto isso, o pesadelo de Nadarkhani continua. Na prisão lhe oferecem exemplares do Alcorão para que o leia e se converta.

Órgãos internacionais protestam contra a ameaça que paira sobre a cabeça desse jovem iraniano. E existe o temor de que seja executado em segredo, como já tem acontecido. O que mais agrava seu caso é o fato de ser um cristão iraniano. Pois, enquanto há tolerância e liberdade no Irã com cristãos armênios e assírios – considerados “cristãos étnicos” – o mesmo não acontece com nativos que se convertem do islamismo.

Nadarkhani é um iraniano, fala a língua local, faz suas pregações em persa. Nasceu em família muçulmana e converteu-se a uma denominação evangélica carismática. Representa, portanto, uma potencial ameaça por lhe ser mais fácil do que a estrangeiros converter seus compatriotas. Para livrar-se da condenação, bastaria abraçar o Islamismo. Como se nega a fazê-lo, permanece acusado de apostasia, crime que não consta no código criminal iraniano, mas sim na sharia, conjunto de leis baseado no Alcorão.

O drama de Nadarkhani não é novo na história da humanidade. Há mais de 20 séculos a Roma dos imperadores assustou-se muito com uma seita religiosa que seguia um certo galileu chamado Jesus, que havia sido condenado e morto sob Pôncio Pilatos. Aqueles e aquelas que dela participavam eram obrigados a esconder-se em catacumbas e celebrar seus ritos e cultos em segredo. Se descobertos e capturados, eram instados a negar sua fé e prestar culto ao imperador. Se recusassem, eram condenados à morte por crime de ateísmo.

Tempos depois, na Idade Média, foi a vez do Cristianismo oficial desfechar perseguições contra os infiéis muçulmanos que habitavam no Oriente Médio a fim de recuperar os santos lugares. Com o “descobrimento” do Novo Mundo, igualmente, a cruz do Galileu que morreu perdoando seus inimigos foi usada para converter à força indígenas e escravos africanos para “salvar suas almas”.

Descendentes de judeus foram igualmente obrigados mais tarde a abandonar a religião de seus pais, a fim de poderem ser “reconciliados” pela Inquisição que a tudo e a todos vigiava em busca de heresias, apostasias, bruxarias, multiplicando as fogueiras, as execuções públicas, os autos da fé.

Veio a secularização e um de seus momentos altos, a Revolução

Francesa, esmerou-se em levar ao cadafalso e à guilhotina quantos católicos encontrasse pelo caminho, inclusive padres, freiras, conventos inteiros. A lista poderia seguir. O processo se reproduziu na Espanha em guerra civil, onde atrocidades eram cometidas pelas facções franquista e comunista que não toleravam pessoas ou instituições com posições políticas e/ou religiosas diferentes das suas.

Como vemos, o caso do jovem pastor iraniano que aguarda no corredor da morte o desfecho de seu dramático caso, não é novo. Não deixa, porém, de ser igualmente cruel e incompreensível. Acusado de infidelidade ao Islam, Nadarkhani recusa-se a abrir mão de outra fidelidade: aquela que encontrou em outra religião que passou a ser a sua.

Não se trata aqui de discutir qual é a verdadeira ou qual é a melhor. As guerras de religião são o fruto perverso dessa discussão que nunca foi capaz de chegar ao diálogo. Trata-se de algo objetivo: uma vida humana está em perigo por não querer abrir mão da fidelidade que estrutura sua vida. Impedi-lo de viver essa fidelidade, tirando-lhe a vida, é algo abominável do ponto de vista humano, independentemente da religião professada por acusadores e réus. Por ser humano, Nadarkhani tem direito a viver em liberdade e a praticar livremente sua fé.